

NANA SIMONS

AUTORA BEST-SELLER DA AMAZON

O MONSTRO EM GUERRA

NO BERÇO DA MÁFIA - LIVRO III

1ª Edição

Santa Catarina-2020

Qualis 

Todos os direitos reservados
Copyright © 2020 by Qualis Editora e Comércio de Livros Ltda

Editora Responsável:
Produção Editorial: Simone Fraga
Preparação de Texto:
Revisão Ortográfica: Qualis Editora
Capa: Renato Klisman
Projeto Gráfico: Qualis Editora
Imagens Internas: Shutterstock
Diagramação Impressa: Marcos Jundurian
Produção Digital: Cristiane Saavedra | Saavedra Edições

*Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
(Decreto Legislativo nº 54, de 1995)*

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

S611o

1.ed

Simons, Nana, 1997 -

O Monstro em Guerra / Nana Simons. — [1. ed.] — Florianópolis, SC:
Qualis Editora e Comércio de Livros Ltda, 2020.

Recurso digital

Requisito do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: word wide web

ISBN: 978-65-87383-04-0

1. Literatura Nacional 2. Romance Brasileiro 3. Dark Romântico 4.

Ficção I. Título

CDD B869.3

CDU - 821.134.3(81)



Qualis Editora e Comércio de Livros Ltda
Caixa Postal 6540
Florianópolis - Santa Catarina - SC - Cep.88036-972
www.qualiseditora.com
www.facebook.com/qualiseditora

Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11

PARTE II

Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

EPÍLOGO

EPÍLOGO 2

ALESSA'S

AGRADECIMENTOS



PRÓLOGO



*“Eu sou uma contradição
E fuge da minha mão fazer com que tudo o que eu digo faça algum sentido
Eu quis me perder por aí, fingindo que nunca precisei de um lugar só meu
Não são só memórias
São fantasmas que me sopram aos ouvidos coisas que eu nem quero
saber...”*

Pitty – Memórias

ALESSA BONUCCI – 11 ANOS DE IDADE

Passsei a mão pelo vestido rosa que Antonela, nossa babá, vestiu em mim e segurei a barra dele em cada ponta, sorrindo e dando boas-vindas aos nossos convidados.

Era o meu aniversário e de Anita.

Ella e eu tivemos nossa última aula de etiquetas na semana passada, nível médio, para treinar a forma como falaríamos com as pessoas. Passaríamos, então, para as regras e formalidade mais difíceis – o que dizer, o que não dizer, o que fazer e o que não fazer. Antonela até disse que seríamos treinadas desde aquele momento para quando chegasse *aquela* hora. Nós duas não entendemos, mas Anita, sim, e depois de

jogar água no rosto da nossa babá, ficou de castigo, e papai ordenou que fizesse as aulas sozinha desde o início, mais uma vez.

Peguei o copo de vidro cheio de refrigerante que o garçom me ofereceu e o bebi. Pequenos goles, lentos e elegantes, para não borrar o batom, como havíamos aprendido. Qualquer pessoa podia estar vendo, e eu não queria que papai ficasse chateado. Nunca era bom quando isso acontecia. Já foi um milagre ele ter permitido algo além de suco integral ser servido.

Algumas mulheres adultas passavam por mim e me davam sorrisos, mexiam no meu cabelo, apertavam minhas bochechas, me elogiavam e aquilo me fazia sorrir. Era sinal de que eu estava fazendo tudo certo, portanto, papai poderia ficar orgulhoso.

Olhei ao redor, procurando minha gêmea, e não a encontrei, o que me preocupou. Todas as festas às quais íamos, eu procurava ficar sempre de mãos dadas com ela, para evitar que papai a castigasse, só que como ela não tinha jeito se tornava muito difícil.

— Olhe só, é a menina de Sonia. Não está uma gracinha? — uma senhora com um coque engraçado e muitas cores no rosto disse para outra, que concordou.

— Sonia era muito bonita, está explicado tamanha beleza de seus filhos e filhas desde jovens.

— Quantos anos tem, garotinha?

Inflei o peito e ajeitei a postura, exatamente como aprendi, e mostrei um grande sorriso.

— Estou fazendo 11 hoje.

Elas riram.

— Oh, eu não disse? Você mal cresceu e já é uma bela dama, a *famiglia* sempre cria as melhores meninas.

No mesmo momento, a mulher ao seu lado tropeçou para frente, soltando um pequeno grito. E quando uma cópia minha correu ao seu lado, quase levando seu vestido junto, arregalei meus olhos, e meu primeiro instinto foi correr para segurá-la. Segundos depois, Lorenzo

passou, andando com uma cara muito, muito malvada, com Bernardo logo atrás, tentando segurar nosso irmão.

Olhei para as duas, temerosa de que fossem dedurar Anita.

— Peço sua licença, senhoras, mas preciso ir. — Abaixei a cabeça e me retirei. Era tão difícil falar daquele jeito. As palavras enrolavam minha língua e eram longas demais, eu estava com pressa.

Elas acenaram e sorriram mais uma vez, parecendo esquecer o ocorrido.

— Apenas porque é adorável.

Eu tentei sorrir uma última vez e sai de lá, chegando ao corredor de acesso à nossa sala. Olhei para todos os lados, tentando decidir se entrava em uma das portas ou subia as escadas, mas minha irmã poderia estar em qualquer lugar, e eu só queria chegar logo até ela. Dei um passo para a segunda porta quando a dos fundos abriu, Ella saiu correndo e se escondeu atrás de mim. Nós três éramos pequenas, mas Ella, com seus nove anos, ainda se parecia muito conosco.

Segurei suas mãos, que agarraram firmes em meu vestido, enquanto olhava para mim e atrás de mim.

— Lessa, por favor, vamos para lá. — Apontou a porta do salão. — Rápido!

Ela tentou me puxar, mas a segurei mais uma vez.

— Espere, o que foi? O que te assustou?

Ela gemeu, seus pequenos olhos se enchendo de água.

— Por favor, Lessa, por favor.

Olhei para trás, vendo apenas as três portas fechadas, e sorri para ela.

— Ficou com medo do escuro?

Ela balançou a cabeça.

— Não, é um monstro — sussurrou.

— Não há monstros ali, irmãzinha, se lembra do que eu disse?

— Ah, aí está você. — Virei-me novamente, escondendo Ella atrás de mim pelo susto da voz repentina, mas relaxei quando vi quem era e sorri educadamente.

— Ela deve ter se perdido, obrigada por encontrá-la — agradei.

Ele me olhou de cima a baixo e passou a língua nos lábios. Eu desviei o olhar, abaixando a cabeça. Nós nunca devemos encarar os homens da *famiglia* como iguais. Abriela me cutucou e balançou a cabeça mais uma vez.

— Por favor, Lessa.

Ele apoiou as mãos no joelho, tentando diminuir sua altura, e nos encarou.

— Nós estávamos apenas brincando. — Ele riu e estendeu a mão, tentando tocar Abriela.

Ela se apertou mais contra mim, soltando um barulho estranho. Eu empurrei sua mão de perto dela e a abracei.

— Ela não parece querer brincar com você.

Ele inclinou a cabeça.

— Ela está tímida, mostrei um brinquedo e se assustou.

Olhei para a minha irmã e depois novamente para ele, que sorria cada vez mais.

— Ela não vai brincar com o senhor, nós vamos voltar para a festa.

Virei-me de costas, mas ele segurou meu braço.

— Ei, menina, porque não espera? Você sabe que sou de confiança.

Puxei meu braço com força, para nada, pois ele o apertava.

— Vou pedir a papai e ver se ele nos autoriza a brincar.

— Lessa! — Abriela chamou.

Ele me segurou mais ainda.

— Você não vai até o seu pai, nós vamos entrar e vou mostrar a vocês minha brincadeira favorita.

— Nós não queremos! — insisti.

Seu rosto mudou, indo de calmo e sorridente para irritado.

— Tem certeza de que quer ir incomodar seu pai? Já pensou o que ele vai achar de seu comportamento? E sobre sua irmã correndo na festa e tropeçando nas senhoras?

Arregalei meus olhos e olhei para Ella.

— Tudo bem. Mas Ella vai voltar e ficar com Anita.

Eu não podia deixá-lo dizer a papai, a última vez que castigou Anita, ela ficou de cama o dia seguinte inteiro. Ele sorriu mais uma vez.

— Ótimo. — Caminhei até Ella quando me soltou.

— Volte para o salão de festas e procure Anita, diga que já vou, *va bene?*

Abriela balançou a cabeça, mas insisti.

— Ella, não quero que você e Anita fiquem de castigo, vou apenas ver o que ele quer e já te encontro. Faça isso.

Ela olhou para ele e para mim mais uma vez.

— Lessa, eu não quero isso.

— Mas eu quero, quantas vezes já nos coloquei em confusão?

— Nenhuma — respondeu baixinho, tentando agarrar a minha mão enquanto eu a empurrava sem que ele visse.

Algo me dizia para tirar minha irmãzinha dali. Não apenas seu terror em ficar perto dele.

— Então, faça isso. — Abracei-a, tentando passar segurança e sussurrei em seu ouvido. — Vá para longe e não saia de perto de Anita, não a traga até aqui também.

Minha irmã assentiu, fechou os olhos e olhou para baixo. Preocupei-me que ela fosse chamar alguém, e então nós três estaríamos enrascadas, mas ela não faria aquilo, se eu disse para não fazer.

— Ela tem medo de você — falei para ele.

Ele sorriu, abaixou-se à minha altura e sussurrou no meu ouvido.

— Ah, ela deveria ter, e você também.

Ele me puxou para dentro, e eu olhei para o corredor uma última vez antes de aquela porta se fechar, então, vi Abriela chorando, estendendo seus braços para mim, olhos arregalados de pavor.

Então entendi seu medo e temi também, mas não era do escuro e tampouco do monstro que estava ali.

Mas do que me tornei quando aquela porta se abriu novamente mais tarde.

PARTE 1



"Você se veste com ternos caros e lenços. Usa a sua máscara de civilidade e eloquência, mas é tão abominável quanto eu. Du piotr."

The Originals, Klaus Mickelson



CAPÍTULO 01



*“Não há remédio para as lembranças
Seu rosto é como uma melodia que não sairá da minha cabeça
Sua alma está me assombrando e me dizendo que tudo está bem,
mas eu queria estar morta
Toda vez que fecho os meus olhos é como um paraíso sombrio”*

Lana Del Rey – Dark paradise

ALESSA BONUCCI – 22 ANOS

4 MESES ANTES

— Nós não tínhamos certeza do número certo para encomendar —
uma das meninas da organização do buffet me disse.

Assenti.

— Tudo bem, acredito que seja o suficiente, se não for... *Dio*, não.
Precisa buscar mais.

Ela riu, pois me conhecia bem depois de tantas festas.

— Concordo, melhor sobrar do que faltar.

— Exato. Como estão os docinhos e o bolo?

— Tudo certo, ficou faltando apenas o *zepolle*. As meninas estavam
com um problema com a ma...

— Precisa estar pronto — cortei-a e respondi, séria. — São os favoritos de Antony, e ele vai ter para comer o quanto quiser em seu aniversário.

— É claro, Alessa — assentiu rapidamente, anotando em seu tablet.

— Tem algo mais? — perguntei, fingindo estar distraída conferindo as bebidas que chegaram.

— Por enquanto é só isso, qualquer problema que tiver...

— Você resolve — interrompi mais uma vez.

— *Va bene.*

De cabeça baixa, observei de canto dos olhos enquanto ela se afastava e continuei minha tarefa. Precisava deixar tudo pronto e impecável. Era a primeira festa de Antony, e ele teria tudo. Puxei uma longa respiração, lamentando ter que estar mais uma vez com aquelas pessoas. Mas valeria a pena, eu faria tudo pelo meu menino.

Pouco depois Lucca chegou, falando com Juliano rapidamente antes de dispensá-lo e se aproximar de mim. Pegou a garrafa em cima da mesa e analisou o rótulo.

— Esse é dos bons.

— Meu primeiro porre — concordei com um pequeno sorriso.

Ele colocou a mão na frente da boca, escondendo a risada dos outros na sala.

— Eu me lembro.

— É claro que lembra, você acompanhou minha adolescência problemática.

Seu rosto adquiriu aquela expressão, uma da qual eu não gostava nem um pouco.

— Alessa.

— Era para ser uma piada, relaxe.

— Não sei como consegue brincar com isso.

Dei de ombros, tirando a última garrafa da caixa.

— Rindo para não chorar. Não é esse o lema? Você já leva tudo a sério demais o suficiente por nós dois.

Ele ia responder, mas alguém envolveu dois braços em torno dele. Lucca olhou ao redor, vendo que as outras pessoas na sala estavam distraídas e a puxou para frente, abraçando-a.

— Olá, *bella mia*.

— O que vocês dois estão cochichando, hein?

— Eu contava a sua irmã o quanto você acordou bonita hoje.

Ella sorriu como sempre fazia quando ele dizia coisas como aquela.

— Acordei exatamente como ontem.

— Como todos os dias. Linda.

Eu sorri, observando-os.

— Alguém me salve, acabei de ficar diabética.

Lucca me deu um pequeno sorriso contido, sabendo que não havia nada que eu gostasse mais do que observar o quão apaixonados os dois eram um pelo o outro. Ele não era um homem que se permitia ser alcançado emocionalmente com facilidade por alguém, mas quando o fazia, levava a sério.

— Bom dia — a voz vinha da porta da mansão e pertencia ao seu irmão, Dante, o subchefe da *famiglia*.

— Olá, Dante! — Ella sorriu, chamando-o.

— Bom dia — respondi educadamente, voltando a atenção para as minhas coisas. Quanto mais cedo terminasse, mais cedo podia ir para casa, tomar um banho e me preparar para mais uma festa.

Minha irmã jogou um braço sobre meus ombros, observando o que eu fazia.

— Hoje é finalmente o dia — comentou, me lembrando do que eu mais ansiava todas aquelas semanas.

— Eu sei — assenti, vendo Lucca sair silenciosamente com seu irmão.

— Acha que devo falar com ela sobre aquilo?

— Conhecendo Anita, espere que ela fale.

— Ela não vai.

— Exatamente.

Ella me olhou confusa.

— Mas Lessa... se eu não falar, ela também não vai e não resolveremos isso.

Deixei as caixas de lado e a encarei.

— Por dois anos ela conversou com você por telefone, te mandou fotos, vídeos e foi a nossa irmã de sempre. Você sabe que Anita tem um coração enorme, se não tocou nesse assunto até agora é porque não quer falar ou não se importa mais. — Abriela olhou para cima por alguns minutos, franzindo o nariz, pensativa. Suspirei, voltando aos meus afazeres. — Você está com cara de quem vai ignorar completamente tudo o que eu disse e falará com ela.

Ella sorriu.

— Eu vou.

— Sei que vai.

Ella riu, me deu um abraço de lado e saiu cantarolando.

Esperei que estivesse sozinha mais uma vez e suspirei aliviada. Era melhor daquele jeito, estar sozinha era normal para mim, comum. Eu vivia rodeada de pessoas, mas nenhuma delas, nem sequer uma, podia entender o quão desesperada por solidão eu estava.

E assim era melhor, passei uma vida deixando que observassem o mundo dos sonhos no qual eu vivia, porque não queria nunca que conhecessem meus piores pesadelos.



Saí da cozinha após ter conversado com Goretta e voltei ao salão.

— Alessa! — Olhei para trás, vendo Gema Fraccele e Belinda Gianni se aproximando.

Internamente me condenei por não ter esperado apenas alguns segundos para sair da cozinha, poderia ter escapado das duas. Sorri para cada uma.

— Olá.

Belinda, sendo extremamente educada como sempre, pegou uma de minhas mãos e deu dois tapinhas.

— Está tudo incrível, Alessa.

— Verdade, há tanto tempo eu não via *zepolle* pelas festas da família, estão deliciosos — Gema concordou.

Eu controlei a vontade de dizer a ela que os doces eram para Antony e assenti.

— Fico feliz que estejam gostando. Foi um trabalho em equipe.

— Dando os créditos de sua criatividade aos serviçais, que gentil.

— É linda e de tamanha educação.

Estava dada a largada de quem puxava mais o meu “saco”. Vez ou outra faziam aquilo e era difícil decidir qual delas podia ser mais irritante. Dei um sorriso sem graça, deixando claro que estava sendo educada e não achando engraçadas as suas colocações, principalmente a de Gema falando dos empregados, e puxei suavemente minha mão.

— Que bom, espero que continuem apreciando a noite.

Depois de Gema e Belinda terem se afastado, olhei ao redor e vi que todos estavam bem. Bebendo, comendo, conversando e sem nenhum problema à vista. Aproveitei que ia tudo sob controle e resolvi me dar um tempo.

Subi as escadas, esperando que ninguém tivesse me visto e entrei no quarto de Lucca. Fechei a porta atrás de mim e sentei-me na beira da cama. Precisava respirar, ficar um pouco longe de tudo e toda aquela agitação. Depois de ver minha irmã lá embaixo, fingindo que não estava no mesmo ambiente que Luigi e sorrindo, com sua arrogância e ousadia, me afastei. Os dois tinham acabado de ter uma conversa e nada parecia ter se acertado. Daria um tempo para que enxergassem o óbvio sozinhos; se não fizessem, eu entraria no meio e acabaria com todo aquele show.

— Você viu Lucca? — Dei um pulo da cama, me assustando com a presença repentina.

— Pelo santo, você me assustou!

Dante, como sempre, não mostrou nenhuma reação, olhou em volta do quarto com a mão ainda na maçaneta.

— Meu irmão?

— Eu não o vi — confirmei. Ele assentiu e, sem mais, saiu, me deixando sozinha outra vez. Levantei-me, indo até a janela e observando o jardim lá fora, cheio de pessoas rindo e se divertindo. Sabia que logo eu teria que descer, colocar mais um sorriso que parecesse verdadeiro no rosto, que fosse digno de um Oscar, e aguentar.

Aguentar explicar inúmeras vezes cada coisa e responder às perguntas de sempre, observar o falatório disfarçado e fingir que não via a forma como os homens no lugar me olhavam.

“Como é possível que ainda não esteja casada, tão bonita. Está envelhecendo e logo não poderá formar uma família.”

“É uma vergonha, a mais velha, mais disciplinada, a menina típica da máfia, será a última a se casar.”

“Ela organiza as festas mais lindas, mas não pode escapar de um destino solitário. Deveria se casar logo.”

Como se me casar fosse a solução de todos os problemas. É claro que eu precisava ouvir e sorrir, fingir que achava graça das piadas e ser educada. Era o que a *famiglia* esperava de mim. E eu nunca, jamais, desapontei suas expectativas. Sempre atendendo a pedidos, sempre dizendo sim, sempre sorrindo, sempre assentindo.

Sempre mentindo.

Fingindo.

Guardando.

Vestida com uma máscara.

Sempre a hipócrita que não poderia nunca ter uma vida, nunca atender àquela expectativa deles.

“Menina suja.”

Eu fechei os olhos, tentando impedir que aqueles pensamentos começassem a me atacar logo cedo, logo naquele momento.

— Agora não — sussurrei comigo mesma.

“Vê como você gosta disso.”

Eu me sentei mais uma vez, ouvindo de repente aquela voz perto de mim, seu cheiro perto demais, nítido demais. Sentia o arrepio por cada polegada da pele, como se o toque ainda estivesse lá. E estava, vivo dentro de mim.

“Você merece um prêmio por fingir tão bem, sabe que quer isso. Você anseia.”

A risada. Eu podia ouvi-la, tinha certeza de que se ousasse olhar para frente, poderia ver.

O pânico começou a crescer em ondas, pequenas, médias, se tornando grandes demais para suportar. Era sempre assim, eu conhecia a sensação. Mas porque logo naquele momento, logo ali? Antony estava lá embaixo, se divertindo e sendo a criança doce que era, festejando seu segundo aniversário, sua primeira festa.

Eu deveria estar lá embaixo com ele, vivendo aquela memória, tendo um dos poucos momentos de felicidade que podia ter. Soltei um gemido, apertando a palma das mãos contra ouvido, fazendo as tarraxas dos brincos furarem a minha pele.

Foi quando duas mãos seguraram o meu braço que eu abri os olhos, pronta para gritar. Mas assim que o rosto de Lucca, cheio de preocupação, ficou visível, eu pude respirar. E junto com o ar, uma enxurrada de lágrimas encheu meus olhos, quase transbordando.

— Respire. Alessa, sou eu, está tudo bem, lembra? Você está bem agora.

Eu o encarei por alguns minutos, imitando sua respiração.

Devagar, respirando.

— Vamos lá, comigo. — Lentamente ele traçou círculos na minha mão, exatamente como fizera anos atrás. Como precisava fazer todas as vezes que me encontrava daquele mesmo jeito.

Sempre que era demais. Meu coração foi de batida em batida se acalmando, minha respiração entrou em ordem, eu controlei as lágrimas e a vontade absurda de gritar, e Lucca assentiu, entendendo que, daquela vez, novamente, tinha passado.

— Está tudo bem, *cara mia*. Tudo bem agora.

Mas, não, não estava. E nem ia ficar.



CAPÍTULO 02



*“Você deixou seus pés correrem livremente,
o tempo passou enquanto caíamos
Antes da queda você teria coragem de olhá-lo bem nos olhos?
Porque eles vão te perseguir até a escuridão
Até você cair, até o seu interior,
até que você não possa mais rastejar
E ladeira abaixo nós vamos”
Kaleo – Way down we go*

ALESSA BONUCCI

4 MESES ANTES

— Tem noção de quantas vezes ela esteve aqui só este mês? —
Gardenia, meu braço direito dentro da associação, me questionou
naquela noite.

— Não temos muito o que fazer, infelizmente ela volta para ele
todas as vezes. Ela foge para ir atrás dele. Não estou aqui para prender as
pessoas e as obrigarem a ficar, fica quem quer.

Ela suspirou.

— Eu sei, mas pelo menos ela deixa a menina.

— Sim, pelo menos essa consciência ela tem.

Ela me contava sobre Lisa, uma das mulheres a quem dávamos aconselhamento semanal. A primeira vez que chegou a nós, tinha hematomas por todos os cantos e um cabelo de quem não tomava banho há dias. E, realmente, saiu de casa fugindo do marido, com a filha de sete anos nos braços e uma sacola de roupas.

Nós a acolhemos até que um abrigo em Palermo teve uma cama disponível e pedimos que ela voltasse com a filha uma vez por semana. Era simples, só precisava pegar o ônibus que disponibilizávamos para pessoas na mesma situação dela e depois voltar para lá. Mas isso foi demais, e Lisa acabou voltando para casa. Não era fácil sair de um relacionamento tóxico, e víamos exemplos todos os dias.

Phil, o psicólogo especializado em crianças que trabalhava comigo há cinco anos, desde o início da associação, entrou na sala e nos cumprimentou.

— Como estão a advogada e a assistente social mais lindas da Sicília?
Gardenia riu, pegou sua bolsa e começou a guardar suas coisas.

— Me elogie mais, por favor.

Phil piscou para mim e se aproximou dela.

— Amor, eu já te digo todos os dias como você é bonita, inteligente e muito sexy. Não vamos ficar explanando perto da chefe.

Eu lhes dei um pequeno sorriso de boca fechada, me acomodando na cadeira, e arregacei as mangas da blusa social.

— Devo ser feita de mel, não é possível. Todo casal apaixonado adora ficar perto de mim.

Eles deram risada, e Gardenia o abraçou.

— Por que não desliga esse computador e vem com a gente?

— Onde vocês pretendem ir? — perguntei, mesmo sabendo que a resposta seria um belo não.

— A banda de um amigo vai tocar — Phil respondeu. — Música italiana, vinho, pessoas dançando.

Digitei a senha do meu e-mail.

— Gentileza de vocês por convidarem, mas... melhor, não.

— Qual é Lessa? — minha colega perguntou. — *Per favore!* É sexta à noite, ninguém mais está trabalhando!

— Eu estou.

Phil bufou, revirando os olhos em mais uma recusa minha.

— Vamos lá, doutora, se nos metermos em alguma confusão seria bom ter uma advogada conosco.

— Vocês estariam em péssimas mãos, vendo que não tenho experiência alguma.

Gardenia apoiou as duas mãos na minha mesa e cerrou os olhos.

— Sabe que até os 25 terá um ataque cardíaco, certo?

— Claro, só porque não vou sair com vocês hoje.

— Porque poderia se divertir um pouco, uma vez que nos estressamos durante o dia todo.

— Gar, são onze e vinte da noite — tentei argumentar.

— Outra justificativa de por que não deveria estar trabalhando.

Eu suspirei, sabendo que ela seria irredutível. Já havia saído com eles, mas o último passeio fora a um pub em Palermo, lugar distante e onde ninguém conhecido me veria.

Eles não eram ingênuos sobre quem eu era. Na verdade, bem difícil não saber, dando em conta o nome e os soldados que sempre estavam por perto. Mas no início da relação profissional, foram vendo que eu não era perigosa nem lhes causaria qualquer dano, e passamos por isso. Viam-me como uma colega de trabalho, sua chefe. É claro que os limites eram mantidos, nunca faziam perguntas e nunca tocaram no assunto “máfia” comigo.

— Onde vai ser isso?

— No centro de Catânia. — Phil sorriu, sabendo que me ganhara.

Eu pensei por alguns minutos. Isso seria uma distância de no mínimo duas horas. E eu bem que poderia relaxar um pouco, mesmo que por uma noite.

— *Va bene.*

— Isso, garota!

Phil bateu palmas e deu risada, acompanhando a alegria de sua noiva. Coloquei tudo dentro da bolsa e fiquei de pé, pegando meu celular no caminho e digitei uma mensagem para Lucca.

“Vou chegar mais tarde em casa, por favor, não se preocupe.”

Coloquei o celular no bolso e voltei minha atenção para meus amigos. Assim que entramos no elevador, meu telefone começou a tocar. Peguei-o e quando vi o nome dele no visor segurei as portas abertas e voltei. Sorri para Gardenia e Phil.

— Vão indo na frente, esqueci o carregador do meu celular.

— Não demore! — ela gritou.

Esperei que fechasse e atendi.

— Ei.

— Vai me explicar sua mensagem? — Lucca perguntou.

— O que há para explicar?

— A última vez que recebi uma sua dizendo para não me preocupar te encontrei pend...

— Lucca — interrompi. — Preciso te lembrar que já tenho 22 anos?

— Para mim, sempre terá 15.

Suspirei e me encostei na parede.

— O psicólogo e a assistente social daqui vão a um show de amigos em Catânia; vou com eles. Tomar uma taça de vinho, ouvir música, conversar.

— Alessa... — sua voz emanava preocupação e eu odiava colocá-lo naquela posição.

— Prometo que vai ficar tudo bem, não vou voltar lá.

— Por favor.

— *Va bene*. Antony e Ella estão bem?

— Antony aprendeu como abrir a grade na escada, está tendo a diversão de sua vida e Ella está louca.

Eu dei risada e apertei o botão do elevador.

— Sem novidades, então.

Ele ficou quieto por alguns minutos e falou novamente quando o elevador apitou a chegada.

— Fique bem, Alessa.

— *Ti prometto.* — Desliguei e encostei-me nas portas, encarando meu reflexo no espelho. — Quanto tempo mais você vai aguentar? — perguntei a mim mesma e, como sempre, não houve resposta para aquilo.



Um caminho que duraria duas horas, Phil fez em uma. Eu desci do carro, me apoiando na porta, e puxei longas lufadas de ar.

Eles dois saíram do carro rindo. Cerrei os olhos.

— Você é louco.

Phil jogou um braço ao redor dos ombros da noiva.

— Sou mal compreendido. E nós estamos atrasados, vamos lá.

Coloquei um pé na frente do outro lentamente de primeira e os segui. Gardenia enganchou um braço no meu e seguimos para dentro. Mal entramos e havia uma comoção no lugar.

— Merda. Ei, cara, o show acabou? — Phil perguntou a um homem encostado na parede do bar.

Ele respondeu sem desviar o olhar de dentro.

— Nem começou, a banda cancelou.

— Caramba, dirigimos uma hora até aqui.

O cara assentiu e entrou no bar.

— Você não foi o único. Leve suas meninas aí para outro lugar, camarada, a coisa aqui dentro vai ficar feia.

— Que droga, Stive podia ter me avisado. Vamos lá, vamos para casa. — Puxou Gardenia, mas minha colega o segurou.

— Amor, espera! Estou muito apertada para ir ao banheiro.

— Gar, aquele homem disse para sairmos daqui — argumentei, querendo evitar estar envolvida em qualquer coisa que chamasse atenção,

como uma briga de bar.

— Vamos levá-la e já voltamos, Lessa.

— Espero vocês aqui.

— Não vou te deixar aqui fora.

— Vou ficar encostada no balcão, perto do garçom.

Eles concordaram e entramos. Eu me coloquei exatamente onde disse que iria ficar e permaneci por alguns minutos. De repente, uma sequência de três garrafas quebraram na parede e chão perto de mim, e eu gritei, pulando fora de lá.

Um homem com um sobretudo e chapéu preto pegou outro e o bateu contra a parede, enforcando-o. Expirei, querendo mais do que nunca dar o fora. Outro cara chegou perto dele pelo lado, fazendo-o virar o rosto. Assim que tive um pequeno vislumbre de seu perfil, voltei alguns passos e cerrei os olhos, tentando ver se era quem eu pensava. Balancei a cabeça de olhos fechados e os abri novamente. É claro que não seria. Eu nem tinha bebido e já estava vendo coisas.

— Ei, cara! Não pode fazer isso! — o garçom do bar reclamou com o homem que causava um alvoroço no lugar.

— Me impeça — o homem de costas para mim respondeu. Eu parei onde estava, preparada para correr de lá.

Era Dante DeRossi, eu tinha certeza. Minha única dúvida era, o que ele estava fazendo ali? Com toda a certeza não era a mando de Lucca. Seu irmão e eu nunca tínhamos trocado meia dúzia de palavras, e eu estava bem com aquilo. Era perturbada o suficiente para reconhecer alguém que tinha pesadelos e suspeitava que os dele fossem piores do que os meus.

Dei dois passos para trás, ainda de costas, mas de repente meu corpo bateu contra outro e braços rodearam minha cintura. Fiquei tensa imediatamente.

— Cuidado, princesa — falou no meu ouvido, e a primeira coisa que senti foi o cheiro de cigarro. Exalava dele.

Dei uma cotovelada para trás, me soltando, e virei-me para encarar o homem, que logo me segurou novamente.

— O que foi, lindinha? Te impedi de cair nesses saltos finos. O que uma beleza como você faz nesse antro?

— Me solte, posso ficar em meus pés sozinha.

Ele riu e o cheiro veio mais forte ainda em meu rosto. Abriu a boca para falar alguma coisa, mas de trás de mim um punho voou em seu rosto, fazendo-me ir junto com ele quando tropeçou para trás. Mas o mesmo do ataque me segurou, e sem que eu sequer raciocinasse, estava sendo puxada para fora.

Olhei para o homem, mas os fios de cabelo em meu rosto e o chapéu cobrindo seus olhos me impediam de ver se realmente era ele ou eu tinha ficado louca de vez.

— Ei, pare! Solte-me! — Ele ignorou. — ME SOLTE AGORA!

Ele parou, me puxou mais perto e levantou a barra de seu chapéu até que vi claramente seu rosto.

— Fique quieta e nós vamos sair daqui sem maiores problemas.

Eu o segui, tropeçando quase o caminho todo pela pressa de seus passos. Outro homem de preto entregou a ele uma chave, e nós andamos alguns minutos até encontrar o seu carro.

Um carro da *famiglia*.

Ele abriu a porta e praticamente me empurrou para dentro. Segurei minha bolsa firme no colo e esperei que entrasse também.

— Coloque o cinto — falou, olhando pelo retrovisor.

Eu ia ignorá-lo, mas meu senso de proteção falou mais alto.

— Lucca te mandou aqui?

Ele franziu levemente a testa e tirou o chapéu, jogando-o no banco traseiro.

— Claro que não.

— Muita coincidência você estar aqui.

— Estou em muitos lugares. O que me surpreende é *você* estar aqui.

Eu o olhei. Era estranho estar com ele tão perto daquele jeito, o que nunca tinha acontecido antes.

— Por que estava em uma briga?

— Eu não quero conversar.

Levantei as sobrancelhas, surpresa pela sinceridade bruta.

Dante dirigia rápido, os pneus do carro deslizando perigosamente pelas estradas que revezaram do asfalto à terra. Depois de sua resposta, evitei olhá-lo e passei todo o caminho encarando a vista do lado de fora. Quando “Bem-vindo à Sicília” apareceu, suspirei aliviada, certa de que ele me deixaria em casa. Então eu tomaria um banho e cairia na cama, já eram quase duas da manhã.

Mas me enganei. Ele seguiu um caminho completamente contrário ao da minha casa.

— Dante? — arrisquei.

Ele não me respondeu, foi como se fingisse que não me ouviu. Ele parou o carro em frente a um lugar com uma placa brilhante escrito “Hell” em vermelho. Saiu e bateu a porta, me deixando lá dentro sozinha, sem dizer uma palavra sequer. Quando entrou, percebi que o vidro de sua porta estava aberto e a chave na ignição. Ou ele era muito idiota, ou todos aqui sabiam quem ele era. Olhei pelo lado de fora, vendo homens de barbas grandes e roupas escuras por todos os lados. Um deles chegou perto, passando a língua pelos lábios e me encarando da janela do motorista.

Sem perder mais tempo, tirei a chave e sai do carro, entrando rapidamente.

O lugar por dentro não poderia ser mais clichê. Paredes escuras, quadros, fotos de motos e mulheres seminuas em todos os cantos, garrafas de bebida em prateleiras no alto e a música de fundo era um rock. Não aquele pesado que você não consegue entender a letra, mas algo como Blues Saraceno.

Procurei lá dentro, ignorando os olhares que os estranhos me davam e avistei Dante sentado numa mesa de canto, virando uma garrafa no copo. Sem cerimônias derramou a dose cheia na boca. Eu parei, me perguntando se aquele era realmente o homem que eu pensava que fosse.

Não o conhecia nem nada do tipo. Mas tudo o que sabia dele era que se portava como um verdadeiro cavalheiro. As bocas pela Itália e

afora, diziam o quão educado era e como se parecia com alguém que veio direto dos reinos mais abastados.

Não parecia. Estava mais para um bad boy, arruaceiro e cachaceiro. Aquilo me chocou.

Ele levantou a cabeça, encarando-me por apenas um momento, franziu a testa e voltou sua atenção para o copo. Era suficiente. Caminhei em passos decididos até sua mesa e puxei uma cadeira, me sentando. Coloquei a chave em cima da madeira molhada.

— Você ia me deixar lá?

— Não é o que parece?

Eu pisquei e pisquei de novo.

— Sério? Ia terminar essa garrafa enquanto eu o aguardava lá fora a noite toda?

Ele virou mais uma dose e me encarou. Prendi a respiração. Seus olhos estavam dilatados e me perguntei se a bebida tinha feito efeito tão rápido.

— Tem algum problema com isso?

— Eu não pedi para vir com você, meus amigos teriam me levado direto para casa. Por que praticamente me arrastou com junto?

— Seus amigos estavam mais preocupados em trepar no banheiro do que tirá-la das mãos daquele cara que, não sei se você se esqueceu, mas estava te segurando contra a sua vontade.

Eu me assustei com a sinceridade e brutalidade de suas palavras.

— Eles não estavam... — Ele ergueu uma sobrancelha.

— Não estavam?

Ele era um idiota. Provavelmente achou graça do meu espanto diante de seu vocabulário.

— Eles não estavam fazendo isso. Phil foi levar sua noiva ao banheiro, eu disse que esperaria lá. Não podia imaginar que daria nisso.

Ele me ignorou novamente e no mesmo momento houve um grito de excitação feminino mais à frente. Olhei naquela direção e havia uma loira tatuada, toda babydoll no cabelo longo e shorts curtos, botas acima

do joelho e camiseta amarrada acima do umbigo, em cima do palco. Ela pegou o microfone e começou a rebolar. Pude sentir meus olhos se arregalando.

Os homens que estavam do lado de fora começaram a entrar, e assobios reinaram no ar. Um telão se acendeu atrás dela e uma batida mais forte, um rock cheio de sensualidade, soou. A loira começou a cantar surpreendentemente bem. Revezava entre mandar olhares sedutores, dançar e cantar, e eu não podia desviar os olhos dela.

Só fiz isso quando desfez o nó de sua camiseta e a tirou, ficando apenas com um minúsculo sutiã vermelho. Mesmo com medo de olhá-lo, virei-me para Dante. Pensava que o encontraria babando na mulher ou excitado como estavam os outros homens. Mas seus olhos perdidos estavam voltados para cima. A cabeça apoiada na parede, mãos jogadas para os lados e os olhos sem foco, sem vida, encarando o teto.

Meu celular vibrou e começou a tocar na bolsa. Eu o peguei, vendo o nome da minha gêmea na tela.

Coloquei uma mão em um ouvido e no outro apoiei o aparelho.

— Oi!

— Ei! — ela respondeu. — Que barulho é esse?

— Eu estou em um bar. — Ela ficou quieta por alguns minutos. — Anita?

— Aqui. Espere só um momento, estou processando a informação.

— Tudo bem com Tony e Ella? — perguntei, estranhando o horário de sua chamada.

— Sim, todos bem. Você inclusive, pelo jeito. O que são esses caras gritando? Está rolando strip-tease?

— Mais ou menos isso — respondi, voltando a fitar a loira no palco. — Estou me sentindo em uma gravação de American Pie.

Anita riu.

— Então aproveite e seja a próxima a tirar a roupa.

Eu tive que rir. Senti um aperto leve em meu braço e olhei para Dante. Ele levantou o queixo para o telefone.

— Anita, tenho que desligar.

— Não! Espere! Não tire a roupa, mas, por favor, se divirta!

Dante balançou a cabeça, como que dizendo para que eu não dissesse que estava com ele.

— Tenho que ir.

— Me prometa que vai se divertir!

— Eu vou. — Era uma mentira, e ela notou.

— Então vá até o bar agora e peça uma dose de tequila ao garçom.

— O quê?!

— Com quem você está aí? — perguntou, gargalhando.

— Com um casal de amigos — menti.

— Então faça o que estou dizendo.

— Anita... — Suspirei, passando a mão pela cabeça.

— Se não fizer isso vou arrumar minhas malas e voltar para o Caribe.

— Está me chantageando para beber?

— Não, para se divertir. Você está com uma voz de quem vai dormir a qualquer momento. E tenho certeza de que ficará segura.

— Como sabe disso?

— Porque você jamais sairia sem um soldado.

Eu sairia, já saí e saía constantemente, mas aquilo era outra coisa que ela não sabia.

— Tudo bem — resmunguei e caminhei até o bar. — Uma dose de tequila, por favor.

O cara atrás do balcão me olhou e serviu meu pedido. Esperei que colocasse o limão e sal no guardanapo e virei, dando um pequeno pulo no lugar.

— Argh!

— Mais uma! — ela gritou no meu ouvido, rindo.

— Não.

— Lessa, viva um pouco, porra! Amanhã tudo voltará à sua ordem estrategicamente pura novamente.

Eu dei risada ouvindo a palavra pura. Se ela soubesse que não havia nada de puro em mim...

Gesticulei para o cara mais uma vez, e ele encheu o pequeno copo. Anita era toda gargalhadas do outro lado da linha e só desligou quando me incentivou a beber a quinta dose. Tirei uma nota de cem da bolsa e entreguei ao homem.

Virei-me, pronta para voltar à mesa, mas uma tontura me atingiu e tropecei para o lado. Mal vi Dante parado me observando, e seu reflexo foi rápido o suficiente para me segurar. Ele franziu a testa, e eu dei risada.

— Merda! — resmunguei e coloquei a mão na boca.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Sua irmã causa problemas até de longe.

— Ela só quer que eu me divirta.

Ele assentiu, olhando para fora. Ainda me apoiando, encarou o homem do balcão.

— Devolva a nota e coloque na minha conta.

Fui protestar, mas ao invés disso saiu um arrote. Arregalei os olhos e forcei a vista quando comecei a ver embaçado.

— Sou mais educada do que isso, eu juro.

Ele não disse nada sobre isso.

— Vou te levar para casa.

No mesmo momento, uma música que eu adorava começou a tocar.

— Por favor, vamos ouvir essa.

— Você já bebeu alguma vez na vida? Como foi que algumas doses de tequila fizeram isso?

Eu dei risada e comecei a dançar contra seu corpo.

— Ah, eu já bebi, sim... Mas é sempre a mesma coisa. Eu *seeeeempre* fico assim!

Dante deu um passo atrás, e eu o segui, diminuindo novamente a distância entre nós.

— Só quero dançar.

Quando me encostei novamente nele, senti uma protuberância em minha cintura. Ele cerrou a mandíbula, afastando-se mais uma vez. Algo dentro de mim se acendeu – ele teria me feito esperá-lo a noite toda, me levou a um bar de quinta categoria, me ignorou e me arrastou como se eu fosse uma boneca. Queria fazê-lo pagar um pouco.

E homens faziam besteiras sem controle a mando do tesão.

Com toda a coragem recém descoberta pela bebida, agarrei sua cintura e comecei a balançar meu corpo ao som da música. Um pequeno pedaço de consciência da minha mente me dizia para parar, que não deveria brincar com ele. Mas ignorei e por trás da névoa que a bebida formava na minha mente, vi seus olhos dilatados descerem por todo o meu corpo antes de sua boca cair com força sobre a minha e um aperto firme de suas mãos me fazerem lembrar o que estava prestes a acontecer.

Dante pressionou seu corpo grande com mais força contra o meu, quase me esmagando quando me empurrou até me encostar no balcão e mordeu meu pescoço. Abri a boca num grito silencioso e cravei minhas unhas em seu braço.

Quando seu joelho foi entre minhas pernas e subiu, fazendo uma pressão ali, meu cérebro girou, e, naquele momento, não tive como parar para pensar ou conversar comigo mesma sobre minhas atitudes.

A última coisa em minha mente foram as palavras de Lucca mais cedo.

“Fique bem, Lessa.”

E a promessa que eu não cumpri.



CAPÍTULO 03



*“Eu me lembro, não se preocupe, como poderia me esquecer?
É a primeira e a última vez onde nós nos encontramos
Mas eu sei a razão por que você mantém seu silêncio
Você não me engana, a dor não aparece, mas a dor ainda cresce
Não é estranho para você ou para mim...”*

Phil Collins – In the air tonight

ALESSA

04 MESES ANTES

O barulho insistente de um apito me acordou. Parou minutos depois e mesmo que eu quisesse me virar para o lado e dormir, precisava ficar de pé. Era sábado, havia muito o que fazer.

Espreguicei-me e, ao fungar, senti o cheiro de café no ar. As empregadas começaram cedo. Sempre acordava no escuro, cortinas fechadas, o cheiro de café fresco e no silêncio. E permanecia até criar coragem de enfrentar o mundo mais um dia.

Abri os olhos lentamente, e a primeira coisa que reparei foi que não estava no meu quarto. Fiquei imediatamente em alerta. O edredom escorregou quando me sentei, e meus seios ficaram à mostra. Puxei-o novamente, levantando-me da cama e enrolando-o em volta de mim.

— Santo... o que foi que eu fiz? — sussurrei comigo mesma.

— Você estava sem condições de voltar para sua casa. — Pulei ao som da voz masculina. E no canto do quarto, encostado na parede, no escuro, estava Dante. Seus braços cruzados, olhos no chão.

Apertei a coberta mais forte em torno do meu corpo e olhei para os lados, buscando minhas roupas.

— Estão no banheiro.

Eu foquei minha atenção nele.

— O que... nós...?

— Já disse, não podia te levar para a casa bêbada como estava — respondeu ainda sem me encarar.

Eu suspirei de alívio, sabendo que só me abrigou.

— *Grazzie a dio*. Obrigada por isso, vou me vestir e estou saindo.

— Está agradecendo pelo quê?

— Por ter me abrigado. Se eu aparecesse em casa em más condições, papai teria me feito sabe Deus o quê.

Dante finalmente me olhou.

— Acha que te coloquei para dormir? — Quando não respondi, ele balançou a cabeça. — Eu te trouxe para cá e nós fodemos a madrugada toda. As provas disso estão marcadas em todo o seu corpo.

— Eu não... não me lembro disso, você disse que eu estava bêbada.

— Eventualmente vai se lembrar.

— Dante, se eu estava desse jeito, por que fez sexo comigo?

Ele se desencostou da parede e se aproximou de mim, seus olhos predatórios.

— Porque você implorou. Porque isso aqui não é uma produção de Hollywood. Eu não me importo se você não estava ciente do que acontecia, não sou um cavalheiro, você abriu as pernas, e eu afundei nelas.

Vacilei para trás com suas palavras, surpresa, chocada, abismada demais que tivesse dito aquilo. Dei a volta em torno dele e entrei no banheiro. Peguei minhas roupas, vendo apenas um vislumbre da vermelhidão em minhas costas, ignorei o sutiã que não estava lá e não

me preocupei com aquilo. Coloquei minha blusa social e a saia, e enfiei meus pés no salto Jimmy Choo.

Voltei para o quarto, e ele permanecia do mesmo jeito.

— Minha bolsa?

Ele não respondeu, mas seus olhos foram para a cômoda no canto, onde minha Chanel e o celular estavam. Levantei o queixo, querendo sair de lá com o resto do que sobrava de minha dignidade intacta, e puxei a maçaneta da porta.

Trancada.

Virei-me para Dante e apontei.

— Pode abrir, por favor?

— Antes de ir, quero deixar algumas coisas claras.

— Você deixou tudo bem claro a meu ver.

Ele enfiou a mão no bolso de sua calça jeans e segurou a chave prateada.

— Ninguém saberá que você esteve aqui.

— Ótimo.

— Falo muito sério. Eu prezo pela minha privacidade e não seria bom para ninguém se alguém soubesse o que aconteceu. Isso inclui suas irmãs.

— Prezo pela minha privacidade também, espero que nem mesmo os soldados saibam disso. Eu tenho um nome a honrar.

— Muito bem, já basta as bocas que terei de calar depois do seu show no bar.

— Errando e aprendendo, nunca mais dou um show desses. E não se preocupe, se envolver dinheiro, te pago de volta.

Sua expressão não mudou; ele continuava neutro, como se toda a situação não fosse além de humilhante, mas terrível. Meu nome estaria na lama, e Lucca o mataria se soubesse o que aconteceu. Minha cabeça girava e tudo o que queria era sair logo de lá.

— Agora, por favor, abra a maldita porta!

Dei um passo para o lado quando se aproximou e não perdi tempo em sair, uma vez que foi possível. Andei pelo longo corredor escuro, meus saltos tilintando, repentinamente me dando uma dor de cabeça.

Virei o corredor assim que ouvi o barulho de uma televisão e passos logo atrás de mim.

Era uma sala de estar grande e bem iluminada, cheirava a café, como havia sentido, e ao passar meus olhos por todo o lugar avistei uma mulher deitada no sofá. Ela levantou a cabeça, dando-se conta da minha presença e franziu a testa. Então, sentou-se e olhou através de mim.

Eu olhei também, e ele estava lá, olhou entre eu e ela com a mesma indiferença.

— Dante? — a mulher perguntou, ficando de pé.

Eu tinha a sensação de que a conhecia, seu rosto não me era estranho. Ela me encarou mais uma vez, colocando algumas mechas de seu cabelo loiro curto atrás da orelha e seus olhos encheram de lágrimas não derramadas.

Dante andou à minha frente, ignorando-a, o que parecia ser uma de suas coisas preferidas. Ignorar. Ele abriu a porta e me encarou.

— Tem um táxi lhe esperando lá embaixo.

Olhei uma última vez para a mulher que, sem meu salto, deveria ser alguns centímetros mais alta que eu, olhos tão azuis como os meus eram verdes, mas cheios de tristeza. Ela passou os olhos de cima a baixo em mim, mas não com maldade, era com mágoa. E uma lágrima deslizou em seu rosto quando olhou o homem na porta novamente.

Eu o encarei também, recusando-me a acreditar que mesmo estando sóbrio ele tenha me levado à casa onde vivia com alguém.

Alguém que claramente, definitivamente, tinha sentimentos por ele.

— Alessa — ele chamou e eu forcei meus pés a andar, não querendo lhe dar o gosto de ver o quão abalada fiquei.

Passei por ele de cabeça erguida, tendo a certeza de que não queria nunca mais estar perto.

Eu o conheci por quem era de verdade e daria tudo para voltar no tempo e não ter encarado o homem de preto na noite passada.



A única coisa que passava em minha cabeça era... merda! Como é que fui fazer uma besteira daquelas?

Tantas propostas, tantas oportunidades de me deitar com quem quer que fosse, e eu neguei. E agora me via diante daquilo, caí na cama do mais improvável. Na verdade, todo e qualquer homem, se me fosse perguntado, eu diria que era improvável, impossível de me envolver. Mas a realidade que batia na minha cara era outra. Estava muito ferrada.

E, além de tudo, ainda era uma destruidora de lares. Ou de amores, sabe-se lá o que os dois eram. Sentei-me na minha cama, apoiando a cabeça nas mãos. Quanto será que tinha bebido?

Ao mesmo tempo em que estava brava por ter sido tão descuidada, tão burra, me sentia surpresa por ter deixado que acontecesse tão fácil. *Grazzie a dio* não me lembrava de nada. Eu sabia que não teria um colapso, ou travaria, nem nada do tipo na frente dele, mas e se tivesse dito algo? Fui tão, tão inconsequente. Pela forma como me colocou para correr, não duvidava de nada. Ou talvez aquele fosse apenas quem ele é.

Meu celular tocou na mesma hora, me tirando de meus pensamentos. Pensei em ignorar, mas assim que vi o nome da minha irmã, deixei meus problemas de lado e atendi.

— Ella — cumprimentei.

— Lessa, Ani-Anita f-foi... — Soluçou, e eu fiquei imediatamente alerta.

— Abriela, o que houve?

— Anita ela ela fo-foi embora, mais uma vez! Tudo culpa dele, estou tão tão brava com Lucca!

— Primeiro de tudo, respire, respire e fale devagar o que aconteceu!

— Lucca encontrou Evangeline. Ele veio me contar e estávamos discutindo sobre não dizer nada a ela quando passou e ouviu a conversa. Anita surtou, Lessa, Lucca foi atrás dela, mas e se não quiser voltar?

Fechei os olhos, sentando-me novamente.

Eu não era idiota, sabia bem o motivo de ela querer ir embora e não tinha nada a ver com o que Ella pensava. A verdade era que desde que

tinha voltado, Anita procurava uma alternativa, uma desculpa para poder ir embora. Qualquer uma serviria, e não tinha nada a ver com Evangeline. Seu desespero para fugir tinha nome e sobrenome, e isso acabaria naquele momento.

Suspirei de forma audível.

— Ella, escute. Vai ficar tudo bem. Pegue Antony e vá aproveitar o dia com ele. Está sol lá fora, por que não o leva à piscina?

— Ma-mas, Lessa, ela...

— Eu disse que vai ficar tudo bem. Já estou resolvendo. Te ligo mais tarde, cuide do seu filho e eu fico com o resto, ok?

Não dei tempo para que respondesse, pois sabia que ficaria insistindo. Fui até as chamadas recentes, sabendo que o telefone dele seria um dos primeiros, uma vez que me ligava o tempo todo para saber dela. Toquei no ícone de chamada. Deu alguns toques, e ele atendeu.

— A... — começou, mas o cortei.

— Minha irmã acabou de sair da casa de Lucca. Ela está indo embora, Luigi, levante a sua bunda de onde quer que esteja e corra até ela!

Ele ficou quieto por alguns segundos.

— O que disse?

— Você é surdo ou o quê? Está bêbado de novo?

— Você não está fazendo qualquer sentido, fale direito.

Eu estava perdendo a minha paciência. Tinha sido uma manhã de merda e tudo o que queria era tentar dormir para conseguir um pouco de paz.

— Você é o homem mais idiota do mundo todo! E olha que existem muitos, muitos homens idiotas nesse planeta! Anita está indo embora mais uma vez, vá encontrá-la e a faça ficar, *per l'amor di Dio*, Luigi, chega dessa confusão de vocês!

— Porra! Ela não quer me ver!

— VOCÊ TEM UM ÓRGÃO FEMININO ENTRE AS PERNAS?

— O QUÊ?

— Não, você não tem! Então escute a mulher aqui e faça o que eu digo! Se ela sair desse país, Luigi, não vai voltar mais. É isso o que quer?

— É claro que não!

— ENTÃO PEGUE UM CARRO MALDITO E VÁ PEGAR A SUA MULHER!

— *VÁ BENE!*

— Vocês são duas crianças, não vou ficar mais no meio disso, Luigi, mostre que é o homem que tanto diz ser! — Desliguei sem ouvir sua resposta.

Respirei fundo, já me sentia ficando inquieta. Não havia muito que fazer. Toda aquela confusão dos dois me cansava além do limite. Compreendendo que ficar me lamentando sobre minha atitude de uma noite atrás não resolveria nada, o estrago estava feito, só queria acelerar o tempo até o momento em que esqueceria. Limitei-me a uma taça de vinho, fui até o armário do banheiro e peguei os comprimidos que eram como um tiro certo no meu botão de sono, tirei os sapatos e as roupas e me enfiei no roupão de banho. Não demorou até que meus olhos começassem a pesar, me aproximei da cama e subi lentamente e não demorou muito até que eu apagasse.



CAPÍTULO 04



*“Até o seu mundo queimar e desabar
Até você estar no fim da linha
Até você estar no meu lugar
Eu não quero escutar nada de você
Porque você não sabe
‘Se recomponha, você vai ficar bem’
Diga-me, o que diabos você sabe?”*
Lady Gaga – Til it happens to you

ALESSA BONUCCI – 11 ANOS DE IDADE

Eu levei a água até o quarto de Anita sem que papai visse e subi na cama, tomando cuidado para não machucá-la mais. Ela tentou pegar o copo, mas eu sabia que com seu dedo quebrado e sem remédios para dor, não conseguiria. Ajoelhei-me no colchão ao seu lado e levei o copo até a boca, dando pequenos goles, tomando cuidado para não encostar o vidro na gengiva machucada pela perda de um dente da frente.

Uma semana após a nossa festa, ela parecia melhor. Papai soube, de uma forma ou de outra, de sua bagunça pelo salão e não ficou feliz, seu castigo era aquilo que eu estava vendo.

— Me desculpe — eu disse, bem baixo.

Ela franziu todo o rosto.

— Pelo quê?

— Por papai ter feito isso.

— Eu já disse que não é culpa sua! — respondeu, brava.

Coloquei um dedo em frente os lábios, não querendo que ela alardeasse que eu estava lá, mesmo papai tendo dito que não deveria.

— Fale baixo!

Ela olhou para a porta e depois para mim.

— Eu quero que ele entre aqui e me bata de novo para que eu não acorde.

— Anita!

Ela virou o rosto, evitando que eu visse uma lágrima escorrendo.

— Me deixe sozinha.

— Não!

— Saia daqui — rosnou, a mão livre de machucados fechando em punho.

Eu me sentei na sua frente e a encarei, me preparando para fazer o que mais a irritava.

— Saia daqui.

Ela franziu o nariz, eu fiz o mesmo.

— Pare de me imitar!

— Pare de me imitar!

— Alessa, falo sério!

— Alessa, falo sério!

A porta de repente se abriu, e eu pulei para o chão, abaixando-me para entrar debaixo da cama. A madeira rangeu e fechou.

— É apenas Bernardo — Anita avisou. Eu suspirei, saindo de onde estava e fiquei de pé.

Nosso irmão estava de terno, cabelo bem penteado e uma cara nada boa.

— Você parece um mané — nossa irmã comentou.

Bernardo sorriu e se sentou na cama, deixando por um momento a expressão infeliz. Ele me esticou a mão.

— Venha aqui, Lessa.

Me acomodei do seu lado, e ficamos nós três sentados, pensando provavelmente a mesma coisa, tentando entender se papai precisaria matar um de nós para estar feliz ou se queria apenas nos ver machucados.

— Eu vou matá-lo — meu irmão disse, o rosto sério, livre de brincadeiras.

Anita bufou.

— Você não matou nem uma barata no quarto de Alessa, imagine seu próprio pai.

Bernardo abaixou a cabeça, envergonhado, e eu a belisquei.

— Não seja cruel com ele!

Ela passou a mão pelo braço, resmungando.

— Se quer fazer alguma coisa, arrume veneno, eu mesma coloco na bebida dele.

Fiquei de pé, querendo que aquele assunto parasse antes que fosse longe demais.

— Parem com isso, parem os dois! Ouçam o que estão dizendo, é o nosso pai!

Anita bufou.

— Nosso pai que me deixou mais uma vez de cama e de brinde fiquei sem um dente. Tem noção da força que ele usou?

Sim, eu tinha, porque o roxo ainda era presente na bochecha dela.

Bernardo ficou de pé também e caminhou pelo quarto. Com seus 15 anos, já havia sido iniciado, mas nem a tortura que ouvimos falar tirou dele aquela coisa de irmão protetor que sempre lhe pertenceu, ele continuava o mesmo. Diferente de Lorenzo, com 17, que deixou a vontade de ser um homem falar mais alto e por isso seguiria qualquer coisa que papai dissesse.

— Eu não vou deixar que ele fique machucando vocês, eu tenho que... — Ele foi interrompido quando a porta abriu, e Lorenzo colocou a cabeça para dentro.

— Papai disse que não queria ninguém com ela.

— Sabemos disso — Bernardo respondeu.

Lorenzo abriu a porta completamente e apontou para fora.

— Vão para seus quartos antes que eu chame o pai.

Eu abri a boca, querendo implorar que me deixasse pelo menos me despedir de Anita, mas ele cerrou os olhos.

— Eu vou contar até dez para ver a porta do seu quarto fechada com você lá dentro.

Eu olhei para Anita, que encarava nosso irmão cheia de raiva e dei um passo em sua direção, mas ela me olhou e balançou a cabeça, acenando sutilmente para fora. Entendi o recado e corri, ouvindo Lorenzo contar atrás de mim.

Antes que resolvesse mudar de ideia e chamar o pai, peguei a escova de cabelo e passei pelos fios, desembaraçando meu irritante cabelo longo e a coloquei em cima da penteadeira de volta. Peguei meu urso da cadeira de balanço e subi na cama logo em seguida.

Comecei a cantarolar a canção que mamãe sempre cantava para nós antes de dormir e, aos poucos, fui sentindo o sono chegar. Pedi a Deus que protegesse minhas irmãs e irmãos e que ensinasse papai a ser melhor. Aquela música sempre funcionava, eu quase podia sentir os dedos de mamãe passeando pelo meu cabelo e ouvir como ela trocava as palavras da canção para me fazer algum elogio. Não havia um dia sequer que eu e Anita não dormíssemos sorrindo.

Aqueles eram bons tempos, tempos doces com os quais eu queria sempre sonhar.



ALESSA BONUCCI

1 MÊS DEPOIS

Coloquei o livro na cabeça e endireitei meus ombros. Da última vez derrubei-o e deixei Antonela muito zangada; queria treinar o suficiente para que não a decepcionasse mais. Andei em linha reta da porta do

banheiro até a minha cama e quando meus joelhos encostaram na madeira, virei-me de costas, sentando-me sem deixar o livro cair.

— Gostaria de mais uma xícara de chá, por gentileza — repeti as palavras que ela nos fez decorar.

Dei um sorriso, conseguindo me ver no espelho da penteadeira, orgulhosa de mim mesma que o objeto ainda permanecesse sobre meus fios de cabelo.

— Oh, por favor, um pedaço de bolo seria ótimo para...

A porta do quarto se abriu, assustando-me um susto quando ele surgiu me olhando. O livro caiu e pulei da cama para pegá-lo, sentando-me novamente depois.

Ele olhou para fora e entrou, virando a chave e a colocou em seu bolso.

— Olá, Alessa.

— Oi.

— Está praticando?

Dei de ombros e me arrependi imediatamente. Antonela dizia que moças comportadas não deviam fazer aquilo. Que era como se eu dissesse “estou nem aí”. Ele notou e sorriu para mim.

— Não se preocupe, ninguém vai saber que escorregou nas boas maneiras.

Eu abaixei a cabeça.

— Não acredito mais em você. Na nossa festa de aniversário você disse que se eu tocasse seu machucado e te ajudasse a ficar melhor, Anita estaria livre de problemas.

Ele se sentou do meu lado e pegou o livro das minhas mãos.

— Eu falei a verdade, não contei ao seu pai. E você realmente é uma fada, não acredita em mim? Seus dedos são mágicos.

Olhei para a minha mão e tentei ver algo diferente.

— Elas são mãos iguais às de todas as meninas.

Ele sorriu e passou a mão pela minha cabeça, alisando os fios do meu cabelo.

— Não, Alessa, você não tem nada igual às outras meninas.

Olhei para a porta que ele fechou.

— Acho melhor eu me deitar, papai vai vir ver se estou dormindo daqui a pouco.

— Tem razão. — Ele concordou com a cabeça, colocou o livro na penteadeira e estendeu a mão para mim. — Venha, vou te ajudar a se deitar.

Peguei sua mão, e ele deu a volta na cama comigo, segurou minha cintura e me impulsionou para cima.

— Muito bem. Agora tire o pijama, está muito calor. As cobertas vão te fazer suar muito.

Balancei a cabeça.

— Papai diz que apenas Antonela pode me vestir. Bernardo e Lorenzo não podem ver também.

Ele se sentou na beirada.

— Mas eu sou adulto como seu pai, lembra? Nós somos muito amigos.

Eu o encarei, confusa, e tentei me lembrar se papai já tinha dito algo sobre ele não poder me ajudar ou me colocar para dormir. Não conseguindo lembrar, dei de ombros.

— Mais uma vez está fazendo o que Antonela disse que era falta de educação.

Eu fiquei parada, com medo que fosse me dedurar.

— Por favor não conte a Antonela, da última vez ela me mandou tomar banho na água gelada e estava muito, muito frio.

Ele balançou a cabeça, suspirando.

— Terá de me provar que é uma menina respeitosa, Alessa, ou não poderei ajudá-la.

— Está bem.

— Deixe-me ajudá-la a tirar seu pijama.

Coloquei os braços para cima, ele puxou meu vestido branco. Meu cabelo caiu sobre o rosto quando o tecido o bagunçou, e ele me encarou